

Pontos históricos desrespeitados

A menor praça da cidade, com cerca de dez metros de diâmetro, abriga atualmente um marco comemorativo ao centenário da Imprensa Campineira (em 1958) e três postes — um de eletricidade

e cabos telefônicos e dois indicativos com o nome do local. A praça Monsenhor Dr. Emílio J. Salim, no caótico cruzamento entre a Francisco Glicério e a Marechal Deodoro, praticamente in-

xiste para pedestres, só servindo hoje para “dividir” o tráfego de veículos.

O único bebedouro para cavalos e burros de Campinas também não é mais notado pela população. Colocado na praça 9 de Julho, em frente à Estação Ferroviária (junto à rua 11 de agosto), o chafariz do final do século passado serve hoje apenas como ponto de referência de prostitutas que atuam nas tardes e noites da região central e de catadores de papel, que utilizam parte da praça como depósito.

Os campineiros estão ignorando também figuras ilustres como Rui Barbosa, que posou de peito nu no monumento que hoje serve de descanso para frequentadores da feira hippie, na praça Carlos Gomes, e Luiz de Camões, que repousa num pedestal da praça em frente à Beneficência Portuguesa.

Para a Prefeitura, o principal registro dessas obras de arte espalhadas em terreno público é a publicação “Campinas em pedra e bronze”, de 1975. Caracterizado como um “benedictino trabalho de busca e pesquisa”, o livreto já aponta sinais de desatualização por não contar com monumentos como o dos Ioguslavos, na Carolina Florence (saída para Barão Geraldo), por exemplo. Toda a pesquisa foi realizada entre 1964 e 1967, por Ruyrillo de Magalhães, Olquídio Lopes, Bráulio Mendes Nogueira e Theodoro de Souza Campos Júnior.



Holofote está virado ao contrário no monumento a Guilherme de Almeida